

"O SENHOR NOS LIBERTOU": gênero, família e fundamentalismo*

Mónica Tarducci**

Introdução

As participantes do *Instituto de Liderazgo Global de la Mujer* subscreveram o documento "O fundamentalismo como ameaça atual e crescente aos Direitos Humanos da mulher"¹ em 24 de junho de 1992 .

Mulheres provenientes de diversos países e tradições culturais diferentes compartilharam sua preocupação acerca do aumento do fundamentalismo e seu impacto sobre os direitos humanos das mulheres. Para além das suas diferenças, as participantes identificaram preocupações comuns tais como: o uso da religião enquanto meio efetivo para controlar o povo e particularmente as mulheres, constituindo uma violação dos seus direitos humanos; a fusão da religião e das funções do Estado por parte dos governos locais e/ou líderes políticos; o poder econômico dos grupos fundamentalistas etc.

Respeitando a religião como uma questão de crença e prática pessoal, as subscreventes se opõem a qualquer forma de legislação e formulação de políticas em nome da religião;

* Artigo publicado com o título "El señor nos liberó: el impacto del fundamentalism en las mujeres de sectores populares", *IN Publicar - Año2 - nº 3*, 1992.

Texto traduzido por Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia/Unicamp.

** Antropóloga e militante feminista. Professora titular de la *Facultad de Ciencias Sociales Universidad del Centro* e de la *Primeria Mastría Interdisciplinaria sobre la Problemática de Género de la Universidad Nacional de Rosario* - Argentina.

¹ Resolução adotada pelo *Instituto de Liderazgo Global de la Mujer*, em 24 de junho de 1992, com o aval de mulheres de 30 países. Reproduzida em *Mujer/Fempres*, 135, Santiago, janeiro 1993.

acreditando sinceramente que um meio secular é o único ambiente que proporcionaria um espaço comparativamente seguro para os direitos humanos da mulher, pensam que a utilização da religião pelas estruturas de poder terminam e terminaram em violações evidentes dos direitos humanos em muitos países.

São detalhadas, em seguida, algumas recomendações à comunidade de direitos humanos. Reteremos a primeira, que coincide plenamente com a nossa preocupação nos últimos tempos, referente à necessidade de estudos de caso e comparativos que examinem: "O interesse do fundamentalismo como fenômeno social, as necessidades que satisfaz e os possíveis benefícios que homens e mulheres obtêm ao se integrarem nos grupos fundamentalistas".

Achamos importantíssimo conhecer as características dos distintos "fundamentalismos", uma vez que, tão logo nos interessamos pelos fenômenos religiosos e sua incidência na vida das mulheres, comprovamos que, embora seja um lugar comum ressaltar a presença majoritária das mulheres nos diferentes cultos, o fato é mencionado sem uma análise em profundidade.

No domínio que nos diz respeito, o que isto significa? Primeiro, buscar uma nova maneira de entender a religião "a partir de dentro", no sentido de uma releitura que leve em conta a vida cotidiana, espaço privilegiado de atuação das mulheres, excluídas do mundo público. Quando nós, as feministas, dizemos "o pessoal é político", tanto queremos expressar que no chamado espaço privado ocorrem relações de poder e de autoridade intimamente ligadas ao mundo de "fora" quanto enfatizamos a experiência de vida das mulheres, as formas concretas em que desenvolvem sua vida material, não aceitando como válida a separação dicotômica entre domínio público e privado.

Em segundo lugar, entender o fenômeno a partir de uma perspectiva não-androcêntrica implica também considerar "a

série de determinações sobre as mulheres e sobre os homens que se expressam nos/ e à qual respondem os conhecimentos observados",² compreendendo o sentido que tem a adoção de determinadas crenças e práticas para as mulheres. É o mesmo para os homens? O que se modifica com relação ao "antes" da conversão? Tal ou qual sistema religioso (em nosso caso, o pentecostalismo) reforça ou atenua a subordinação da mulher? Podem encontrar as mulheres, para além das orientações dogmáticas das estruturas clericais, esferas de ação com uma certa autonomia? Existe alguma contradição entre o discurso "oficial" das diversas igrejas e as práticas concretas?

Retomando a recomendação inicial, que insiste na necessidade de estudos de caso, e baseando-nos na investigação que estamos empreendendo numa comunidade de fiéis pentecostais da Grande Buenos Aires (Argentina), estamos dispostos a refletir sobre:

- a) O discurso fundamentalista acerca da mulher e da família, emitido a partir das igrejas pentecostais, através dos seus órgãos de difusão, o que poderíamos estender às cristãs fundamentalistas em geral.
- b) O que acontece com a vida concreta, quotidiana, das mulheres que se convertem ao pentecostalismo, num contexto de intensificação da pobreza como o da região de Buenos Aires a partir da década de oitenta. Sendo, neste caso, o contexto mais importante do que nunca, não estamos tratando das "mulheres" em geral, mas sim das mulheres pobres, oprimidas pelas dificuldades e pela desesperança. Assim, nossa análise está circunscrita a este universo particular e convém assinalá-lo para evitar mal-entendidos.

² BARBIERI, Teresita: *Sobre la categoría género: una introducción teórico metodológica*. México. Mimeo. 1990.

O Pentecostalismo é fundamentalista

Caracterizamos o pentecostalismo como fundamentalismo, na realidade, para nos expressarmos com acerto sobre o "verdadeiro fundamentalismo", característico de algumas igrejas protestantes, uma vez que estamos acostumados a chamar de fundamentalismo qualquer fanatismo, seja religioso ou político.

Desde o início, fundamentalismo foi um nome auto-conferido orgulhosamente pelos seus portadores. O editor do periódico batista *Watchman Examiner* inventou o termo "fundamentalista" em 1920, sendo rapidamente adotado pelos seus colegas batistas e presbiterianos como algo que denotava um empenho na luta pelas "verdades fundamentais da fé", circunscritas numa série de doze escritos de teologia conservadora redigidos entre 1910 e 1915.

Fundamentalismo designa uma vertente do movimento protestante conservador, anti-liberal, criada nos Estados Unidos a partir de 1870, nas principais denominações protestantes norte-americanas. Seu principal objetivo era defender o princípio da inspiração divina da Bíblia, isto é, sua impossibilidade de se equivocar, impondo uma autoridade absoluta da Palavra sobre a vida dos cristãos. Caracterizando o contexto histórico da aparição do fundamentalismo, Pierucci nos relata que os adversários no interior do domínio protestante contra o qual aquele se constituiu foram os partidários da teologia liberal e dos métodos de crítica histórica e literária para a interpretação das Sagradas Escrituras. O adversário externo número um era a

mentalidade científica moderna, representada emblematicamente pelo darwinismo.³

É fundamentalista quem se apega à *palavra revelada*, quem tem a convicção de que a Bíblia está livre de erros humanos e é a "palavra de Deus", interpretando literalmente seu significado. O fundamentalista é um crente capaz de captar o sentido verdadeiro da sua religião diretamente do texto sagrado, abstraindo do clero como o intermediário competente desta leitura.

Assinalamos noutra oportunidade⁴ a importância dada pela mensagem fundamentalista aos temas relacionados com o mundo doméstico numa época (fins do século passado) na qual se enfrentava transformações aceleradas que indicavam alguma "confusão de papéis". Os pastores mais conservadores formulavam vibrantes diatribes contra "a nova mulher" que saía para trabalhar fora do lar, estudava, se organizava em associações feministas, gremiais e políticas, enfim, que desafiavam a supremacia masculina e ingressavam no mundo extra-doméstico.

Não obstante, a principal corrente do fundamentalismo, a *pentecostal*,⁵ desde as suas origens nos começos do século XX, viu crescer no seu interior a presença majoritária das mulheres. Hollenweger assinala que próximo de 1936, nos Estados Unidos,

³ PIERUCCI, Antonio F.: *Fundamentalismo e Integrismo: os nomes e a coisa*. XV Encontro Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais). Caxambú, 15 a 18 de outubro de 1991.

⁴ TARDUCCI, Monica: "Pentecostalismo y relaciones de género: una revisión", IN FRIGERIO (comp.): *Nuevos movimientos religiosos y Ciencias Sociales (I)*. Buenos Aires, CEAL. 1993.

⁵ As distintas denominações pentecostais constituem um movimento acentuadamente atomizado e por causa da ausência de uma teologia explícita e sistemática são conhecidos por uma crença comum: *as manifestações do Espírito Santo*, núcleo das demais crenças. Para ser pentecostal deve-se passar por duas etapas no caminho para a salvação: a *conversão*, chamada também de novo nascimento; a *santificação*, que é o batismo do Espírito Santo, cuja expressão é a glosolalia ou "falar em línguas". O Espírito Santo se manifesta também na cura divina, ou seja, no poder de cura da enfermidade pela fé e no dom da profecia.

O senhor nos libertou

"a participação das mulheres nas congregações pentecostais era mais importante que a dos homens, e a dos negros era mais elevada que sua porcentagem na população".⁶

Justamente a quantidade de mulheres presentes nos cultos pentecostais e a expectativa de que elas incorporam no lar as transformações religiosas, levou-nos a investigar a problemática em nosso país a fim de compreender a maneira pela qual o pentecostalismo atinge a vida das mulheres dos setores onde capta a maior quantidade de fiéis: os populares urbanos.

O contexto: a situação econômica na região bonaerense

Assim como a maioria dos países latino-americanos, a Argentina sofre os problemas derivados da crise dos anos 80, como conseqüência das políticas de ajuste. Descreveremos brevemente as características adquiridas pela pobreza nos últimos anos, donde os índices aumentarem de maneira tão alarmante, configurando o que se chama de "país dos excluídos"⁷, isto é, amplas camadas da população sem acesso à saúde, à educação, ao sustento, etc., concentrada majoritariamente na região bonaerense.

Quando, em 1970, foi efetuada na Argentina a primeira medição da pobreza, nossa situação na América Latina era privilegiada: só eram pobres 5% dos lares urbanos e 19% dos rurais.

⁶ HOLLENWEGER, Walter: *El Pentecostalismo, Historia y doctrinas*. Buenos Aires, La Aurora, 1976. p.12.

⁷ As estatísticas foram extraídas do livro *El país de los excluidos. Crecimiento y heterogeneidad de la pobreza en el conurbano bonaerense*. Buenos Aires, CIPPA (Centro de Investigaciones sobre pobreza y políticas sociales en la Argentina), 1992 e de A. Minujin, *Cuesta Abajo. Los nuevos pobres: efectos de la crisis en la sociedad argentina*. Buenos Aires, UNICEF-Losada, 1992.

Os dados para a década de 80 mostram o efeito das políticas de ajuste iniciadas em 1975 e aprofundadas a partir do golpe militar de 76. Em 1980, os lares abaixo da linha de pobreza passaram a ser 12.8%.

Próximo de 1989, 40.1% dos lares da região eram pobres, isto é, não supriam suas necessidades básicas. Além dos pobres estruturais ou "históricos", o fenômeno preocupante diz respeito à aparição dos "novos pobres". Ocorreu a decadência de amplos setores anteriormente considerados "classes médias", por exemplo, os aposentados empobrecidos e os empregados públicos. Junto com a desocupação, cresceram a fragilização do emprego, o trabalho informal, a ausência de saneamento básico (água potável, esgoto), a explosão habitacional, a evasão escolar e a incapacidade de receber atendimentos de saúde satisfatórios.

A estes problemas estruturais comuns a amplos setores urbanos da América Latina, devemos acrescentar os derivados da angústia e o desasossego produzido pela falta de segurança, a delinqüência, a expansão da drogadicção, a desarticulação das instâncias participativas coletivas, produto da desconfiança acerca da política tradicional (que várias vezes os enganou), e o forte individualismo do "salve-se quem puder".

Como repercute esta situação na vida cotidiana das mulheres? A partir da década de 80, numerosos estudos, especificamente latino-americanos, analisam a partir da perspectiva de gênero o impacto da crise no âmbito doméstico.

Os estudos sobre a crise dos anos oitenta na América Latina e sua relação com a feminilização da pobreza permitem extrair algumas conclusões: a debilitação do Estado como prestador de serviços de saúde, educação, transporte e moradia; o papel chave de amortizadoras da deteriorização das condições de vida que cabe às mulheres das famílias trabalhadoras, que tiveram de intensificar sua participação nas atividades do mercado, incorporando-se ao formal e ao informal; o aumento do

O senhor nos libertou

volume de trabalho doméstico em função da intensificação das estratégias de sobrevivência, que abarcam desde o crescimento da auto-produção de bens de consumo até a transferência de recursos entre unidades domésticas e transformações nos padrões alimentares e de consumo.

O diretor do projeto "*Investigación sobre la pobreza en Argentina*" referiu-se ao que ele julga serem os grupos de risco:

"Com relação às mulheres, por exemplo, que cultural e socialmente têm estado em situação de desvantagem quanto aos homens, mas ainda mais nas situações de crise, seu trabalho é o ajuste que se busca para obter maiores recursos. Produz-se assim uma situação na qual não há quem desempenhe as funções que elas realizavam no interior do lar com relação às crianças e nas famílias em geral numerosas. Estas são famílias que estão em situação de maior risco... Nos setores pobres, as mulheres conseguem trabalho com maior facilidade que os homens, mas seu trabalho é mal pago, no serviço doméstico, sem cobertura social de nenhum tipo... Quem está pagando os efeitos da crise mundial, sobretudo na América Latina, são as mulheres e as crianças."⁸

Estamos de acordo com Feijoó quando afirma que "a crise pode converter-se, hoje, num formidável laboratório em que a identidade das mulheres pode sofrer positivas transformações".⁹ Observamos mulheres dos bairros pobres mais humildes se organizarem para questionar o estado, os partidos políticos, os patrões etc. São notórios os crescentes agrupamentos, desde clubes de mães e refeitórios populares, até novos movimentos sociais conduzidos por mulheres contra o aumento dos preços dos alimentos e dos serviços.

⁸ MINUJIN: *Cuesta Abajo. los nuevos pobres: efectos de la crisis en la sociedad argentina*. Buenos Aires, UNICEF - Losada. 1992.

⁹ FEIJOÓ, María del C.: "Las Mujeres en los barrios", *IN UNIDAS* (año 1, nº 2). 1987.

Mas, como muito bem assinalam Barbieri e de Oliveira, em situações de pobreza crítica de longa duração, a qualidade de vida se deteriora a tal ponto que a reprodução quotidiana de homens e mulheres ocorre em condições infra-humanas ou francamente desumanas. Esta situação pode levar as mulheres a uma desvalorização pessoal muito aguda, com a proliferação das atitudes de protesto anômicas e auto-destrutivas.

"No contexto latino-americano atual, tampouco há evidências para sustentar que a maior contribuição da mulher no trabalho doméstico e extra-doméstico e no suporte emocional da sua família leve ao desgaste imediato dos valores culturais machistas, à uma valorização social do trabalho da mulher e ao aumento do respeito para com ela. Pelo contrário, o sentimento de desvalorização masculino pode levar ao crescimento das formas já existentes de maltrato físico e de violência sexual contra mulheres e crianças no interior das famílias." ¹⁰

De que mulheres estamos tratando

Trabalhamos numa igreja pentecostal pertencente à União das Assembléias de Deus, de um bairro da região de Buenos Aires. Sua audiência provém majoritariamente da zona circunjacente ao culto, incluindo um típico e deteriorado bairro "operário" e uma "favela" vizinha.

Realizamos a observação participante nos ofícios regulares bem como nas reuniões de mulheres e alguns eventos especiais como casamentos, batismos, apresentação de recém-nascidos etc. Além de trabalhar com as histórias de vida de dez mulheres, elaboramos um questionário para conhecer as

¹⁰ BARBIERI, Teresita de & OLIVEIRA, Orlandina de: *A presença das mulheres na América Latina em uma década de crises*. Rio de Janeiro, MUDAR. 1985.

O senhor nos libertou

características sócio-culturais das mulheres que comparecem à igreja do bairro.

Cerca de 80% das mulheres da mostra tinham mais de 45 anos e sua média de conversão era de 7 anos, tendo sido católicas anteriormente. As "nascidas no evangelho", ou seja, aquelas que sempre foram pentecostais, são filhas de crentes e menores de 24 anos. A maioria é casada e seu nível de instrução é primário. Somente entre a "segunda geração" encontramos algumas com curso secundário completo. Uma só tinha estudos terciários em enfermagem.

Cerca de 60% confessou ser apenas dona de casa. Aquelas que trabalham fora do lar o fazem majoritariamente no serviço doméstico.

Todas consideram que o evangelismo mudou suas vidas, *todas* dão dinheiro à igreja em forma de coletas e *todas* elegem os programas cristãos de rádio como os seus preferidos.

Com relação à adesão pentecostal dos membros da sua família, 80% das mulheres casadas compartilhavam a fé com seu esposo e filhos. Das solteiras cuja idade repetimos, é inferior a 24 anos, 70% compartilhavam a fé com sua mãe, pai e irmãos, enquanto que 30% restante o faziam 20% só com sua mãe e 10% só com seus irmãos.

Uma pergunta da pesquisa se referia à pertinência a associações de bairro e desportivas. Cerca de 30% não respondeu, o restante o fez negativamente e só duas mulheres disseram pertencer uma a certa associação de ajuda de bairro e outra a certa desportiva.

As respostas às perguntas que indagavam sobre a participação em reuniões fora da igreja, anunciam visitas a familiares ou casas de vizinhas (em alguns casos a palavra vizinha foi preterida e substituída por "irmã"). Só as mais jovens afirmam ir ao cinema.

Entre as leituras eleitas, figuram em primeiro lugar os livros religiosos (70%), mas é interessante que a leitura dos jornais ocupa 50%, embora sempre acompanhada de livros e revistas religiosos. As revistas femininas foram assinaladas por 30%.

Quanto aos programas de televisão, em primeiro lugar figuram os noticiários e os de atualidade (50% e 40%, respectivamente). As novelas foram eleitas por 30%. Devemos assinalar que durante o transcurso do trabalho de campo não existiam na televisão aberta programas evangélicos como o *Club 700* ou os do Pastor Gimenez, transmitidos há poucos anos. Cerca de 10% assegurou ver "*La familia Ingals*" e "*Puerta al cielo*", séries norte-americanas com acentuado conteúdo fundamentalista.

As investigações mais atuais sobre recrutamento religioso frisam a importância das redes sociais.¹¹ O fato de que amigas e parentes apareçam nas respostas como aqueles que as levaram pela primeira vez a um culto reforçaria esta hipótese.

Os relatos de conversão das mulheres pentecostais ocupam o lugar mais importante e espetacular nas suas histórias de vida. Ainda que constituam relatos estereotipados e dogmáticos (dos quais nos ocupamos especificamente em outro lugar¹²), um mostruário das estratégias destas mulheres para sobreviver num ambiente agressivo, com dificuldades muito sérias para cumprir as prescrições sociais que determinam o que deve ser uma mulher. Assinalemos apenas que o discurso oficial emanado da igreja é recuperado por estas mulheres nas suas

¹¹ STARK, Rodney e BAINBRIDGE, William Sims: "Networks of Faith: Interpersonal Bonds and Recruitment to Cults and Sects", IN *American Journal of Sociology* (vol.8, nº 6). 1980.

¹² TARDUCCI, Monica: *El pasado revisitado: las historias de conversión de las mujeres pentecostales*. (en prensa), 1993.

O senhor nos libertou

histórias de conversão, servindo para prover-lhes de um sentido de vida.

Entre o discurso da submissão e a prática libertadora

Quando recorremos às publicações cristãs fundamentalistas vendidas a preços muito acessíveis em todas as igrejas,¹³ assim como aos folhetos que as próprias congregações editam, ou escutamos as palavras de pastores e anciões nas cerimônias, o que primeiro chama nossa atenção, se buscamos uma mensagem específica para as mulheres, é uma aparente contradição: por um lado, um discurso "andrógino", negando as diferenças entre os sexos e igualando a homens e mulheres como irmãos na fé; por outro lado, um discurso sobre a família cristã, verdadeira obsessão dos grupos fundamentalistas há um século. O discurso da família é o que abarca a mulher, já que não se concebe uma mulher adulta fora do matrimônio. A mulher é esposa e mãe, e também pode adquirir os papéis derivados destes, os de "viúva" ou "separada".

Está claro que as referências ao tema nas exortações, na literatura, nos testemunhos das crentes, são extraídas da Bíblia, com uma "interpretação" ajustada a cada problemática particular. O discurso fundamentalista descansa sobre duas premissas: por um lado, está em posse da verdade, já que sua autoridade provém da Bíblia; a força da sua convicção está na fé, sendo portanto a-histórica, distante do ceticismo mundano e da dúvida;

¹³ As publicações que circulam entre os fiéis e que podem ser adquiridas nas igrejas pentecostais têm geralmente um caráter interdenominacional, quer dizer, respondem a distintas denominações evangélicas que têm em comum seu ponto de vista fundamentalista. O exemplo mais claro é constituído pelo mensalista *El Puente*, onde são expostas as atividades das distintas denominações do país. A mesma editora que o produz edita também *El Puentequito*, para as crianças, e *Los Elegidos*, com traduções de artigos de revistas ou livros norte-americanos.

por outro lado, recorre ao senso comum, com modelos simples para explicar os conflitos quotidianos.

Por exemplo, é comum que nas cerimônias de casamento o pastor mescle na sua exortação trechos bíblicos e reflexões sobre a "célula da sociedade", o "pilar da nação" e todo o discurso típico dos "defensores da família". Assim, numa cerimônia que nos coube presenciar, o casamento da filha do pastor da igreja em trabalhamos, enfatizou-se muito claramente "que a família e a Igreja são criações de Deus. Ambas são as coisas mais odiadas por Satanás. Se se destrói a família, se destrói a Nação.". Tudo isto matizado por chistes extraídos da vida quotidiana ("multiplicai-vos mas não sufocai a terra", por exemplo) e reflexões tão profundas quanto "quando há amor, não há labor."

Vejamos quais fragmentos bíblicos são mais citados para servir de exemplo sobre o dever-ser da família cristã.

A família é a primeira instituição divina. Deus criou o matrimônio no jardim do Éden e o santificou (Gênesis, 2, 18-25), assinalando que a esposa será um "auxílio idôneo" para o marido.

Em Efésios 5, 21-33, o apóstolo Paulo fornece algumas diretrizes úteis para o lar cristão. O papel da mulher casada é o de se submeter ao marido como ao Senhor. O esposo é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da igreja; como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as casadas estão a seus maridos em tudo. Esta frase constitui o mandamento principal lembrado sem cessar, na Bíblia, no púlpito, bem como em inumeráveis publicações cristãs. Serve também para aprovar esta sujeição ou para criticá-la a partir de uma perspectiva questionadora. Por exemplo, uma revista cristã feminina afirma: "O Senhor entregou à mulher um dom que deve desabrochar, o de servir, servir com agrado tanto ao esposo como quanto ao Senhor, com o mesmo amor e fervor". (*Para tí mujer*, 4).

O senhor nos libertou

Os filhos devem obedecer no Senhor aos seus pais em tudo, honrando o pai e a mãe e criando-se em disciplina. (Efésios 6 e Colossenses 3).

A obediência ao esposo é compensada pelas referências ao amor, pois, embora nunca seja posta em dúvida sua autoridade, os maridos devem amar suas esposas como Cristo amou a igreja, amá-las como aos seus próprios corpos. Aquele que ama a sua mulher, ama a si mesmo. O respeito deve ser mútuo, "amai vossas esposas e não sejais ásperos com elas."

"Quem encontra uma esposa encontra o bem e alcança a benevolência de Jeová." (Prov. 18, 22). "A mulher virtuosa é a coroa do seu marido." (Prov. 12, 4). É sua conselheira: "Abre tua boca com sabedoria." (Prov. 31,26).

Pedro I, 3:1-7 reitera a obediência ao marido, a obrigação de uma conduta casta e virtuosa para as mulheres e que sua aparência seja humilde; adverte-se aos maridos para que vivam com elas sabiamente, honrando a mulher como se fosse um "vaso muito frágil".

A submissão afetuosa é a forma mais recomendável para convencer aos maridos incrédulos, uma vez que teriam na conduta da sua esposa, humilde, prudente e pacífica, a evidência da verdade do cristianismo, sem necessidade de recorrer às palavras para serem convencidos. A esposa do conhecido pregador Omar Cabrera, Marfa, é autora de um livro especialmente dedicado a esta problemática, *Sola en el camino de la fé; soy cristiana, mi esposo no*, onde aconselha mulheres que se encontram nesta situação: "Na maioria dos casos, uma mulher amável, feminina e tomada pelo Espírito Santo, ganha o respeito do seu esposo, ainda que este não tenha uma relação

pessoal com Jesus Cristo."... "A atitude da mulher determina a reação do marido. Ela impõe respeito com sua conduta."¹⁴

Quando as informantes se referiam aos maridos violentos, sempre eram casos de não convertidos. "São casos de mulheres que congregam, que vêm à igreja, mas cujos esposos não são convertidos. Quando o homem se converte, dá uma guinada total. A violência desaparece, Deus fez sua obra transformadora."

Assim como se enfatiza o papel de provedor que tem o marido dentro da família, uma vez que é o encarregado de sustentar economicamente sua esposa e filhos, assinala-se também que ele deve considerar a esposa ao fazer os planos, lembrando que ela é a companheira, não a escrava.

Recomenda-se à esposa que não se queixe, não gaste o dinheiro provido pelo esposo em coisas desnecessárias, controle sua língua evitando espalhar mexericos, enfim, que mantenha com toda diligência o asseio pessoal e do lar, aumentando assim a estima do esposo.

A autoridade do marido não é ilimitada, uma vez que todos os cristãos, homens e mulheres, estão debaixo da liderança de Jesus e se submetem, todos, ao temor de Deus. Neste sentido, quando um homem se converte, adquire características que socialmente são consideradas "femininas". O machismo e o papel masculino definido pelo evangelho são opostos. Onde antes existia agressão, violência e soberba, agora há humildade e auto-moderação. A orientação individualista é substituída pela coletiva em função do lar e da igreja.

Este discurso geral é retomado por aqueles que no púlpito, nas páginas das publicações ou nos conselhos pessoais, têm a responsabilidade de velar pelos problemas das mulheres,

¹⁴ CABRERA, Marfa: *Sola en la camino de la fé: soy cristiana, mi marido no*. Buenos Aires, Fundación Visión de Futuro. 1992.

O senhor nos libertou

que, por outro lado, são tais por serem antes problemas da família.

O que é a família cristã? O que se tem em mente quando se trata dela? Seria lógico supor alguma referência a tempos bíblicos, do Antigo ou do Novo Testamento. Isto não acontece. O modelo é aquele da convencional e nuclear família burguesa do século XIX: o esposo responsável pela sustentação econômica e a mulher pelo cuidado das crianças no lar, todos unidos pelos sentimentos. A família assim concebida se supõe ilusoriamente isolada da organização do Estado, da economia e de outras instituições públicas, acentuando a dicotomia entre o privado e o público, entre a família e a sociedade.

É tamanha a "nuclearização" da família que laços tão importantes como os que estabelecem o compadrio não são considerados porque não figuram na bíblia. De fato, o suporte que significa a família extensa é substituído pelos irmãos e irmãs na fé, quer dizer, pela comunidade de fiéis.

Assim, retenhamos, por um lado, a família nuclear como instituição que satisfaz as necessidades materiais e afetivas de seus membros, quer dizer, um tipo ideal ao qual se referem as mensagens oficiais e ao qual tratam de se ajustar os crentes, mesmo quando as condições concretas em que se desenvolvem suas vidas cotidianas não o permite ou o torna muito difícil¹⁵; por outro lado, o discurso que denominamos "andrógino", onde a palavra de consolo não reconhece diferenças sexuais.

Neste sentido, os problemas das mulheres, específicos do ponto de vista da sua situação subordinada enquanto gênero, fazem parte do discurso geral de todos os crentes. Ocorreu-nos que nas buscas de materiais destinados às mulheres, sob títulos tais como "*Entre nosotras*", "*Claves para una mujer victoriosa*", etc., a mensagem que encontramos pode servir para ambos os

¹⁵ TARDUCCI, Monica: Op. cit. 1993 (en prensa).

sexos, sendo, de fato, a mulher assimilada ao modelo exclusivamente masculino.

Este discurso "andrógino" dificulta a percepção entre as mulheres de que o intenso envolvimento dentro das atividades da igreja sempre se refere a papéis considerados como específicos das mulheres, quer dizer, aqueles relativos à extensão das tarefas "maternais": escolas dominicais, grupos de "irmãs", tarefas de beneficência, limpeza, etc. Que estas atividades sejam "femininas", é negado pelas próprias mulheres consultadas ao repetirem sempre que "O Senhor nos indica onde devemos trabalhar".

Que importância têm estas mensagens num ambiente como o que descrevemos anteriormente, quer dizer, entre pessoas oprimidas pelas dificuldades econômicas, pela violência e falta de auto-estima? Pois, de fato, estamos tratando das mulheres pobres que fazem verdadeiras proezas para sobreviver num ambiente machista e agressivo. No caso particular que nos diz respeito, a grande maioria é imigrante do interior do país, com baixo nível de escolaridade, sem preparação técnica para ascender no mercado de trabalho, casadas e com vários filhos, com o denominador comum, nas suas histórias de conversão, de situações muito traumáticas que as levaram a congregar.

Não esqueçamos que, além de causar o reordenamento do espaço doméstico, a igreja tanto é um lugar para estabelecer uma relação direta com Deus quanto constitui um espaço de conversação e intercâmbio para as mulheres; torna-se difícil se relacionar socialmente fora do âmbito da família, como é o caso das mulheres dos setores populares. Em nossa investigação constatamos que a maioria das mulheres inquiridas não trabalha fora do lar e, se o faz, é no serviço doméstico, trabalho realizado em condições de isolamento, não permitindo relações solidárias entre pares, como numa fábrica, por exemplo.

O senhor nos libertou

As relações de intercâmbio tanto se realizam durante o ofício religioso quanto todo o seu tempo livre é utilizado para a interação grupal. A igreja se transforma no âmbito em redor do qual gira a vida das mulheres e das suas famílias. Esta participação torna menos nítidos os limites sempre problemáticos entre vida privada e pública. Em seu interior, os problemas pessoais têm relevância e as mulheres os expõem. Neste sentido, aberta, acolhedora e participativa, a comunidade de fiéis funciona, de fato, como um grupo de auto-ajuda.

Seguindo Molineaux, afirmaremos que o pentecostalismo serve aos interesses práticos das mulheres, mesmo quando legitima o poder e a autoridade dos homens. Isto acontece, entre outras coisas, porque o pentecostalismo:

? reordena o âmbito privado do lar e da família, situando-a no centro da vida tanto dos homens quanto das mulheres.

? elimina condutas masculinas que são nocivas para as mulheres: violência, alcoolismo, infidelidade, etc.

? reorienta as práticas de consumo dentro da unidade doméstica.

? provém um âmbito coletivo onde compartilhar as experiências com outras mulheres.

? a identidade pentecostal aumenta a auto-estima ao fazê-las sentirem-se distintas e superiores em algum sentido às demais, num contexto social onde as mulheres pobres sentem uma aguda frustração.

E daí?

Com efeito, apoiado num gráfico sobre o crescimento pentecostal em seu país, o pastor pentecostal chileno Juan Sepúlveda afirma: "quando, junto com o pentecostalismo, a sociedade ofereceu outras possibilidades de comunidade, outras

propostas de sentido eficazes, o pentecostalismo tendeu a crescer num ritmo menor." ¹⁶

Quais seriam os limites desta "participação" pentecostal e qual seu futuro a médio e curto prazo na vida das mulheres? Por um lado, afirmamos que responde aos seus interesses práticos, mas, por outro lado, estamos conscientes de que o discurso da submissão não permite a passagem ao que Molineaux chama de interesses estratégicos de gênero, isto é, aqueles que tenderiam a superar a subordinação de gênero. As melhorias nas suas condições materiais e emotivas são percebidas pelas mulheres como um dom divino; elas são meras agentes passivas da vontade de Deus.

Ainda que todo fenômeno religioso seja ambíguo em termos de "conservadorismo e progressismo", parece-nos evidente que, como toda religião, o pentecostalismo legitima normas e, no caso que nos diz respeito, sacraliza a subordinação da mulher.

Com a sua capacidade de unificar níveis de experiência, o pentecostalismo ajuda a inserir as mulheres numa comunidade de pares já definida como aberta e solidária, mas também é certo que a solidariedade interna entre os membros se contrapõe a uma participação social mais ampla, uma vez que a oposição entre "mundo" e igreja é muito acentuada, distinta da situação de outras congregações como as comunidades eclesiais de base (católicas), onde, na luta por uma cidadania plena, as mulheres se transformam em sujeitos políticos.¹⁷ No caso do pentecostalismo, a comunidade fechada ofereceria às mulheres

¹⁶ SEPULVEDA, Juan: "El crecimiento del movimiento pentecostal en América Latina", IN ALVAREZ, Carmelo(editor): *Pentecostalismo y liberación: una experiencia latinoamericana*. San José, DEI. 1992. p. 85.

¹⁷ NUNES: 1987.

O senhor nos libertou

uma forma de segurança, um microcosmos substitutivo da
hostilidade do mundo.

**"O SENHOR NOS LIBERTOU":
gênero, família e fundamentalismo**

Resumo:

Este artigo, baseado num estudo de caso realizado em Buenos Aires, explora os apelos que a corrente pentecostal do fundamentalismo exerce sobre as mulheres de setores populares. As mulheres convertidas que conseguem encaminhar seus companheiros para a nova religião percebem, de certa forma, melhoras evidentes no seu cotidiano. Estas mudanças se relacionam com um discurso que reforça os papéis "maternais" femininos ao mesmo tempo em que "suaviza" os masculinos.

A reorganização de concepções associadas à feminilidade e à masculinidade reformula o espaço privado do lar e da família colocando-a no centro da vida de mulheres e homens.

**"THE LORD HAS FREED US":
gender, family and fundamentalism**

Abstract:

Based on a case study conducted in Buenos Aires, this article explores the appeal that pentecostal fundamentalism exerts on women of popular sectors. Converted women who succeed in sending their husbands to the new faith perceive evident improvement in their daily lives. Those changes are

related to a discourse that reinforces "maternal" roles while it "softs" the masculine ones.

The reorganization of conceptions associated to femininity and masculinity remakes the private space of the home and the family, which become the center of women's and men's lives.